

Sol de Agosto

Poemas de João José Cochofel

I

Que posso eu querer do Céu
se na terra há um sol de Agosto,
e a vida canta da alva ao sol-posto?

Que posso eu querer de abstracto
se teu sangue brotou da minha força
e a dor que te rasgou a ergui em facho?

Deixem dizer!
A seiva tem seu travo, é certo.
Pois bem: mais uma razão para eu beber.

II

Não me venham dizer
que os choupos despídos lembram máguas,
se o sol os veste, solitários e altivos,
erguidos sobre as águas.

Longe vêm vindo os barqueiros,
metidos no rio até às virilhas.

Nas insuas correm em liberdade os potros,
embora mais tarde vão pelas estradas,
seus flancos cingidos pelas cilhas.

III

Sol que acordou em mim
o grão do meu instinto!
Ergo-me
só pelo que sinto.

Basta-me o hálito a terra
da tua nudez reflorida.
Sonhos...?—Quem se evade da vida
se é vivida?

(Continuação da página doze)

tumes, que nos são dados apenas com um interesse descritivo, de paisagem ou folclore; e a das pessoas cujos espíritos se mortelam convencionalmente, pelos sentimentos que o autor neles põe. Mas a falsidade de quasi todas as cenas acentua-se nalgumas em que chega a tomar vulto de incoerência. E' o caso do patriotismo dos pescadores expulsos do Brasil em 1920, por não quererem naturalizar-se (e, no entanto, trata-se de acontecimento real). Se'centos povelos virham agravar a crise de trabalho entre a pescaria. Preferiram continuar portugueses, mesmo passando fome. Pois, á chegada, entre os vivas R. F. não nos faz presenciar, ante as negras prespectivas futuras, um só gesto de angústia dos que esperam ou dos que veem!

O estio também não pode dizer-se que seja adequado. Há mesmo frases em que anda pelo ridículo: uma «alma fartinha de sofrer»; um «frangalho de mulher ferido... no amor de mãe»; «um varão que poderia ser útil à sua pátria e à humanidade», etc. Muita coisa haveria ainda, a propósito do romance, a contestar

(por exemplo: o próprio desenvolvimento da acção, pois quer-me bem parecer que as 112 páginas iniciais eram desnecessárias, bastando algumas referências aos seus acontecimentos disseminadas pela 2.^a parte). Seria porém alongar-me escusadamente, porque o que fica dito é já bastante para dar uma idéa do valor de «Maresia». Pode dizer-se que a única qualidade positiva do livro é o vigor descritivo de algumas poucas cenas, como aquella em que nos conta o naufrágio. Mas do romance propriamente nada fica de pé.

Queremos acreditar nas boas intenções, no patriotismo do Sr. Raul Farla. Por outro lado, julgamos que nenhuma das deficiências apontadas é insanável, pela simples razão de que não cremos em dificuldades insuperáveis neste campo. Mas fazemos sinceramente votos por que o Sr. R. F. se penitencie dos pecados que cometeu contra o romance e por que não volte a público, enquanto não estiver resolvido a deixar de impingir gato por lebre!

CARLOS RELVAS

INVERNO...

O inverno abriu o regaço e a chuva caiu
como um cilício a castigar a carne
e a empurrar os olhos para as lojas de fazendas...

Aqueles andam na rua
a desenterrar o pão
mais ensopado que a lama
por debaixo da chuva que trespassa...

Mas nas salas recolhidas
com um fogão adulador aos pés
hão de as senhoras dizer:
«Que belo o ruído da chuva na vidraça!»

MANUEL AGRA SOL

(Continuação da página nove)

Esta a tirada final dos **Diálogos Inúteis**. Pobre humanidade que assim comete erros tão primitivos! O jovem que quer casar mas não tem dinheiro, o operário que gostaria de ler os bons livros mas não os pode comprar, o escritor que não tem com que publicar as obras que lhe levaram uma vida a escrever mas em que os editores não vêm um bom negócio, o casal que queria mandar o filho à escola mas que necessita os magros escudos que elle ganha na oficina,—que grosseiros erros que elles cometem! A felicidade que elles procuram não tem nada a ver com o dinheiro. Os que o tem são também infelizes. No Espírito! No Espírito! é que o jovem encontrará um casamento feliz, o casal educará o filho, o escritor realizará o sonho do «seu livro»... A felicidade não é cons-

tituída pelos factos concretos da vida, por factos felizes, a felicidade é um dom da nossa alma, devemos procurá-la em nós e não na sociedade.

Diálogos Inúteis chamou o sr. Gaspar Simões aquella cômica descrição da maneira como elle deu cabo dum pobre materialista que é apenas o reflexo da pobre imaginação filosófica do sr. Simões. Mas esse título é modesto. O sr. Simões sabe bem que os seus «diálogos inúteis» têm utilidade, uma utilidade muito especial, são úteis aos que não querem que se procure a felicidade fóra do espirito, são úteis contra os «selvagens» materialistas que procuram ser felizes na vida concreta. São utilísimos para os que têm interesse nas mistificações.

PEDRO VILAR

(Continuação da página treze)

repetição de palavras em intervalos muito pequenos. De feito que já se não nota para o fim do livro. Alguns contos também são inferiores aos restantes.

Este livro illustra a posição da juventude (e não é só já da brasileira) no problema do intelectual em face da multidão. E as suas qualidades literárias mesmo vistas «em si» (como quereriam os nos-

so metafísicos isolacionistas) atestam bem que, longe dos problemas interiores de individuos decadentes, se encontram planos ubérrimos de criação literária daqueles que são chamados hoje a serem, pela primeira vez conscientemente, «os engenheiros de almas».

RUI MONTEIRO

SE DESEJA

comprar livros franceses ou necessita de qualquer informação bibliográfica referente aos mesmos, dirija-se à

ALIA

Agence de Librairie Ibero — Americaine

56, R. Faubg. Poissonnière
PARIS Xe. FRANCE

que, com a máxima rapidez e nas melhores condições de preço, satisfará todos os seus pedidos.